

O Poeta Rogaciano Leite



Rogaciano Leite foi um aedo que levou através da sua magistral poesia os cantos e encantos da aldeia nordestina para vários lugares do Brasil. Poeta de uma inspiração genial e de um saber universal, juntou o conhecimento e a poesia como uma maneira de dá um tratamento nobre aos poetas cantadores das feiras interioranas, das vilas, dos povoados e das pequenas cidades, ‘lapidando o diamante’ poético dos homens rústicos do sertão nordestino.

O menestrel do sertão do Pajeú foi um poeta repentista de uma capacidade de improviso impressionante, mostrando-se como um arquiteto das palavras nas construções poéticas de forma perfeita. Por intermédio da poesia do repente e da oratória intelectual, como poeta e orador, Rogaciano encantava multidões por onde passava. Sua poesia lírica nos convida a trilhar nos abismos do amor romântico, lugar repleto de realizações amorosas, de solidões, de angústias pelo abandono e do perdão pelos *‘que voltam pelo amor vencidos’*.

Sua poesia bucólica nos traz as mais lindas paisagens do sertão nordestino, derramando belas imagens, *‘onde o sol desdobra o manto feito de rendas de anil’*. Seus versos passeiam pelo Brasil, desde o majestoso Amazonas, com suas

florestas e lendas, até as belas praias do ‘*Ceará Selvagem*’ e do sonho encantado de se viver e morrer na ‘*Ilha Porchart*’, litoral paulista. Nos seus poemas praiheiros e campesinos se encontra um poeta que sentiu a natureza pulsando nas entranhas do seu corpo sensível e aberto aos encantos e desencantos do mundo vivido.

O Rio Pajeú esbraveja nos desfiladeiros dos seus versos magistrais e se acalma na lagoa da sua simplicidade de homem sertanejo que universalizou o ‘Pajeú das Flores’ com beleza e sabedoria. Quem o conheceu a luz da poesia diz que Rogaciano parecia um Deus em forma de gente falando através dos versos e fazendo as multidões entrarem em delírio poético. A sua força poética maior foi em defesa dos oprimidos pelo capitalismo de um regime opressor. Se o bardo baiano Castro Alves foi a voz dos negros escravizados pela estupidez da raça branca, Rogaciano foi a voz, não de uma raça, mas sim, de um povo injustiçado pela falta de assistência dos governos descomprometidos a respeito dos problemas sociais.

Seu poema ‘*Acorda Castro Alves*’ é um grito profundo e alto suplicando a vinda do poeta condoreiro para livrar os pobres dos grilhões da miséria social que ainda reina no Brasil de forma contundente. No poema ‘*Os Flagelados*’ parece que Rogaciano estava na retirada degradante dos famintos homens do Sertão, vitimados pelas longas estiagens e pela falta de assistência governamental.

Vamos encontrar no poema *Os Trabalhadores* as dores, a fome e o abandono do homem urbano, jogado nas sarjetas da miséria e do descaso social. Ao andar com Rogaciano por entre as choupanas e palafitas das grandes favelas, como Pirambu, em Fortaleza, em seus versos iremos encontrar uma população trespassada de fome e de sofrimento, assemelhada aos malditos do inferno do poeta Dante Alighieri. Em cada barraco, iremos encontrar por intermédio de Rogaciano, crianças famintas e doentes, jovens jogadas no escuro do descaso social e pais e mães sem esperança para a chegada de novos dias.

Vamos trilhar no poema *Os Trabalhadores* para que possamos ver pelos olhos do poeta do Pajeú das Flores os homens sem a luz da esperança nesse imenso país que fulgura riqueza para tão poucos.

Gilmar Leite

Os trabalhadores

Uma língua de fumo, enorme, bandoleante,
Vai lambendo o infinito – espessas e fatigada...
É a fumaça que sai da chaminé bronzeada
E se condensa em nuvens pelo espaço adiante!

Dir-se-ia uma serpente de inflamada fronte
Que assomando ao covil, ameaçadora e turva,
E subindo... e subindo...assim, de curva em curva,
Fosse enrolar a cauda ao dorso do horizonte!

Mas, não! É a chaminé da fábrica do outeiro
– Esse enorme charuto que a amplidão bafora –
Que vai gerando monstros pelo céu afora,
Cobrindo de fumaça aquele bairro inteiro.

Ouve-se da bigorna o eco na oficina,
O soluço da safra e o grito do martelo...
Como tigres travando ameaçador duelo
As máquinas estrugem no porão da usina!

É o antro onde do ferro o rebotalho impuro
Faz-se estrela brilhante à luz de áureo polvilho!
É o ventre do Trabalho onde gera o filho
Que estende a fronte loura aos braços do Futuro!

Um dia, de uma ideia uma semente verte,
Resvala fecundante e, se agregando ao solo,
Levanta-se... floresce... e ei-la a suster no colo
Os frutos que não tinha – enquanto estava inerte!

Foi o germe da Luz, a flor do Pensamento
Multiplicando a ação da força pequenina:

- De um retalho de bronze uma oficina!
- De uma esteira de cal gerou um monumento!

Trabalhar! Que o trabalho é o sacrifício santo,
Estaleiro de amor que a alma purifica!
Onde o pólen fecunda, o pão se multiplica
E em flores se transforma a lágrima do pranto!

Mas não vale o Trabalho andar a passo largo
Quando a estrada é forrada de injustiça e crimes...
Porque em vez de frutos dulcíssimos, sublimes,
Gera bagos mortais e de sabor amargo!

Ide ver quanto herói, quanto guindaste humano
Sob a poeira exaustiva e o calor fatigante,
Os músculos de ferro, o porte gigante,
Misturando o suor o seu pão quotidiano.

Sua força é milagre! A redenção bendita!
O seu rígido braço é a enérgica alavanca
O escopro milagroso, a chave que destranca
O Reino do Progresso onde a Grandeza habita!

Sem os pés desse herói a Evolução não anda!
Sem as mãos desse bravo uma nação não cresce!
A indústria não produz! A campo não floresce!
O comércio definha! A exportação debanda!

No entanto, vêde bem! Esses heróis sem nome,
Malditos animais que ainda escraviza o ouro,
Arrastam – que injustiça! – o carro do tesouro,
Atrelados à dor, à enfermidade, e à fome!

Quanto prédio imponente e de valor suntuário
Erguido para o céu, firmado no infinito,
Indiferente à dor, indiferente ao grito
De desgraça que invade a choça do operário!

De dia é no labor! Exposto ao sol e à chuva!
De noite, na infecção de uma choupana escura
Onde breve uma filha há de tornar-se impura
E u'a mulher faminta há de ficar viúva!

Nem mesmo o sono acolhe as pálpebras cansadas!
O leite é a umidez dos fétidos mocambos!
O pão é escasso e duro! As vestes são molambos
E o calçado é paiol das ruas descalçadas!

Ali, a Medicina é estranha, um só prodígio!...
Nunca um livro se abrirá em risos de esperança
Para encher de fulgor os olhos da criança,
Apontando-lhe o céu... mostrando-lhe um vestígio!...

Tudo é treva e descrença! O próprio Deus é triste
Ouvindo esse ofegar de corações humanos...
E a Lei – mulher feliz que dorme há tantos anos –
Não acorda pra ver quanta injustiça existe!

Onde está esse amor que os sacerdotes pregam?
Os estão essas leis que o Parlamento imprime?
O Código não pode abrir o seio ao Crime,
Infamando o pudor que os Tribunais segregam!

Vêde bem da fornalha a rubra labareda!...
Olhai das chaminés o fumo que desliza!...
Pois é o sangue... É o suor do pobre que agoniza
Enquanto a lei cochila entre os divãs de seda!

Que é feito desse herói? Ninguém lhe sabe a origem!

O Poder nunca entrou nas palhas do seu teto...

Somente a esposa enferma, o filho analfabeto,

E lá nos cabarés, – a filha... que era virgem!

Existe essa legião de mártires descrentes

Em cada fim de rua, em cada bairro pobre!

É desgraça demais que num país tão nobre

Que teve um Bonifácio e deu um Tiradentes

Será preciso o sangue borbotar na lança?

E o cadáver do povo apodrecer nas ruas?

Tu não vestes, ó Lei, as próprias filhas tuas?

Morre, pois, mãe cruel, debaixo da vingança!

Mas eu vejo que breve há de chegar a hora

Em que a voz do infeliz é livre – na garganta!

Porque sei que esse Deus que nos palácios canta

É o mesmo Deus que pelos bairros chora!

Quanto riso aqui dentro! E lá fora, os brados!

Quantos leitos de seda! E quantos pés descalçados!

Já que os homens não veem esses decretos falsos,

Rasga, cristo, o teu manto! Abriga os desgraçados!...

Rogaciano Leite